

Implantação da Rede de Criptococose Brasil no Distrito Federal - RCB-DF

Joaquim Lucas Júnior¹, Vitor Laerte Pinto Júnior², André Moraes Nicola³, Márcia dos Santos Lazera⁴

A criptococose é uma micose sistêmica de elevada letalidade e morbidade que se inicia com uma infecção pulmonar que pode progredir para meningoencefalite. É causada por leveduras capsuladas produtoras de melanina do gênero *Cryptococcus*, principalmente pelas espécies do complexo *C. neoformans* que acomete, geralmente, pacientes imunodeprimidos (HIV/Aids) e espécies do complexo *C. gattii*, que predominam em imunocompetentes. Em todo mundo são notificados, a cada ano, entre 200 e 300 mil casos novos da doença com cerca de 180 mil óbitos. Em algumas regiões da África subsaariana e do sudeste asiático a doença apresenta letalidade entre 50% e 70%. Nessas regiões, a alta incidência de HIV/Aids, o diagnóstico tardio e o pouco acesso a antirretrovirais e antifúngicos são responsáveis por agravar a resposta contra a doença.

No Brasil, existe pouca informação quanto ao número de casos e óbitos, pois a doença não é de notificação compulsória. Mas, já se sabe que em algumas regiões brasileiras as taxas de

letalidade se aproximam das encontradas na África e Ásia.

Até pouco tempo, grupos de pesquisa brasileiros trabalhavam de forma independente, buscando conhecer as peculiaridades epidemiológicas e clínicas da doença no país. No final da década de 2000, um grupo de pesquisadores pensando em possíveis soluções para o problema propôs a criação de uma rede que pudesse agregar um grande número de interessados em juntar esforços para a sistematização de dados, cooperação em projetos de pesquisa, formação acadêmica e melhoria nos serviços de saúde. A primeira reunião ocorreu em 2011, na FIOCRUZ RJ, seguindo-se outras reuniões entre os interessados e iniciava-se a partir dali a Rede de Criptococose Brasil - RCB.

A RCB vem se construindo, ao longo dos últimos anos, pela adesão de profissionais de saúde e pesquisadores de Universidades, institutos de pesquisa, hospitais e laboratórios de saúde pública dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina,

1 e 2. Pesquisadores do Programa de Epidemiologia e Vigilância em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz – PEPIVS – Fiocruz-Brasília.

3. Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília – UnB.

4. Pesquisadora do Laboratório de Micologia do Instituto Nacional de Infectologia da Fundação Oswaldo Cruz – INI – Fiocruz.

Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia, Ceará, Piauí, Pará, Minas Gerais, Roraima e Distrito Federal.

A RCB conta com mais de 100 integrantes dos quais pelo menos 16 são coordenadores de centro, responsáveis localmente pela submissão e desenvolvimento do projeto principal da RCB “Estudo Clínico-epidemiológico da Criptococose no Brasil-criação de uma rede integrada de pesquisa interdisciplinar”. Inclui também dois sub-projetos: 1. “Detecção de antigenemia criptocócica em Aids”, desenvolvido em diferentes centros no Brasil, buscando o diagnóstico precoce e detecção de antigenemia criptocócica em Aids e 2. “Emergência de tipos moleculares virulentos de agentes da criptococose no Brasil”, com trabalhos em desenvolvimento nas regiões: N, NE, SE e CO do país. A RCB oferece, através do Laboratório de Referência Nacional/FIOCRUZ, treinamentos relacionados a isolamento, identificação e tipagem molecular dos agentes da criptococose. Cepas padrão são distribuídas pela Coleção de Fungos Patogênicos/INI/FIOCRUZ para apoio das metodologias desenvolvidas.

Em Brasília, vários pesquisadores da UnB, Fiocruz e UCB já se dedicavam ao estudo de fungos patogênicos quando a proposta de adesão a RCB foi aventada. A iniciativa de agregar os pesquisadores locais em uma rede

nacional foi idealizada, inicialmente, pelos pesquisadores: Vitor Laerte e Joaquim Lucas (Fiocruz-Brasília) e André Nicola (na época na UCB, atualmente na UnB). Um seminário científico intitulado: “A criptococose no Brasil – Implantação da Rede Brasileira de Criptococose no Distrito Federal”, realizado em 29-11-2013, deu início então às discussões locais. Foram convidados a palestrar pesquisadores internacionais como: Wieland Meyer (Sydney University/Pesquisador visitante CAPES/IPEC), Bodo Wanke (IPEC/FIOCRUZ), Luciana Trilles (IPEC/FIOCRUZ) e Márcia Lazera (IPEC/FIOCRUZ) que abordaram temas relacionados a epidemiologia, biologia do fungo, diagnóstico e tratamento da doença, além da importância da RCB no cenário brasileiro atual e futuro. Estiveram presentes profissionais de saúde, estudantes e pesquisadores de Universidades, centros de pesquisa, hospitais e laboratórios de saúde pública do Distrito Federal e RIDE-DF.

Como fruto do seminário e reuniões de trabalho, implantou-se a RCB no Distrito Federal, ficando, inicialmente, como coordenador o Dr. Vitor Laerte (Fiocruz-Brasília). A partir dali vários encaminhamentos foram propostos e implementados, tais como: aprovações de projetos de pesquisas em CEPs locais e a participação com sucesso em alguns certames de agências de fomento.

Hoje, coordenada pelo Dr. André Nicola, a RCB-DF já mostra avanços nos objetivos iniciais que pretendiam agregar pesquisadores, recursos, formação acadêmica e melhoria nos serviços de saúde. Uma rede de comunicação foi estabelecida entre profissionais de saúde dos hospitais, LACEN e pesquisadores onde informações importantes são compartilhadas proporcionando uma melhoria considerável na captação de dados e também numa rápida resposta em benefício dos pacientes.

A pesquisa científica relacionada ao trabalho da RCB-DF tem avançado em direção a um conhecimento mais profundo sobre a fisiopatologia da doença e também à melhoria do diagnóstico, tratamento e prognóstico dos pacientes acometidos pela doença no DF.